

---

# HUMANISMO CRÍTICO E TEORIA QUEER

## Vivendo com as tensões \*

---

**Ken Plumer \*\***

A falha em examinar as estruturas conceituais e quadros de referência que estão inconscientemente implicados até mesmo nas investigações factuais aparentemente mais inocentes é o maior defeito que pode ser encontrado em qualquer campo de investigação.

John Dewey. 1938:505

A maioria das pessoas dentro e fora da academia ainda está confusa sobre o que exatamente significa ser queer, então o conceito ainda tem o potencial de perturbar ou complicar as formas de ver gênero e sexualidade, bem como as áreas relacionadas de raça, etnia e classe.

Alexandre Doty. 2000: 7

A pesquisa – como a vida – é um assunto contraditório e confuso. Somente nas páginas de textos de métodos de pesquisa “como fazer” ou nas salas de aula dos cursos de métodos de pesquisa, ele pode ser classificado em estágios lineares, protocolos claros e princípios firmes. Minha preocupação neste artigo reside em algumas dessas suposições múltiplas e muitas vezes contraditórias de investigações. Tomando meu interesse em pesquisas sobre sexualidades/gay/queer como ponto de partida, vejo a “teoria queer” e o “humanismo crítico” como uma de minhas próprias tensões. Tentei retratar cada um e sugerir algumas sobreposições. Mas meu objetivo não foi reconciliar os dois. Isso não é possível e provavelmente nem mesmo desejável. Temos que conviver com as tensões. Mas estar ciente deles é um importante pano de fundo para o pesquisador social autorreflexivo.

### **Mudança Social e Pesquisa de Zumbis**

Essa discussão deve ser vista em um contexto de rápida mudança social. Embora para muitos os métodos de pesquisa permaneçam os mesmos ao longo do tempo (eles apenas ficam um -pouco mais refinados a cada geração), para outros de nós, as mudanças na sociedade são vistas como trazendo mudanças paralelas nas práticas de pesquisa. Para ser franco: muitos afirmam que estamos nos movendo para uma sociedade pós-moderna,

---

\* Tradução de Nildo Viana.

\*\* Professor da Universidade de Essex.

moderna tardia, globalizante, de risco e líquida. Uma nova ordem global está em formação, muito mais provisória e menos autoritária do que a do passado; uma sociedade em que há crescente autorreflexividade e individuação. Uma sociedade em rede de fluxos e mobilidades. Uma sociedade de consumo e desperdício. (Bauman, 2000, 2004; Beck, 2003; Giddens, 1991; Urry, 2000).

E à medida que nos movemos provisoriamente para esses novos mundos, nossas ferramentas para teoria e pesquisa precisam de uma revisão radical. O sociólogo alemão Ulrich Beck, por exemplo, fala de “categorias de zumbis”; nós nos movemos entre os mortos-vivos! As categorias de zumbis são categorias do passado que continuamos usando, embora tenham perdido sua utilidade por muito tempo e mascarem uma realidade diferente por trás delas. Provavelmente continuamos a usá-los porque, no momento, não temos palavras melhores para substituí-los. No entanto, eles estão mortos.

Ele cita o exemplo do conceito de “família” como instância de uma categoria zumbi – um termo que para muitos hoje significa muito pouco. Mas aqui eu sugeriria que também pudéssemos citar a maior parte de nosso enorme aparato de metodologia de pesquisa. Não sou um grande fã de televisão, mas quando escolho assistir a um documentário, muitas vezes fico impressionado com o quanto consigo mais do que o tratado de pesquisa sociológica padrão. No entanto, as habilidades de um bom documentarista raramente são o tema dos cursos de métodos de pesquisa; desde roteiros e direção, até movimentos de câmera e ética – tudo isso é a essência de uma boa pesquisa do século XXI. E sim, algumas pesquisas parecem ter entrado no mundo do ciberespaço: mas muitas delas simplesmente para replicar os métodos da pesquisa quantitativa – para tornar a pesquisa qualitativa disciplinada, quantitativa e anti-humanística. Falta inovação de verdade. Muitas pesquisas no final do século XX - para usar o termo de Beck novamente - eram realmente pesquisas sobre zumbis (Beck, 2003).

A tabela a seguir sugere alguns vínculos entre mudança social e estilos de pesquisa social. O pano de fundo é o relato científico oficial com protocolos de pesquisa padrão. Mas à medida que novas mudanças acontecem no mundo social, podemos começar a sentir novas abordagens para fazer perguntas. Minha preocupação neste artigo é em grande parte com a chegada da teoria queer.

<b>Mudanças sociais atuais Mudanças possíveis no estilo de pesquisa</b>	
Rumo a um mundo moderno tardio	Rumo a uma prática de pesquisa moderna tardia
Pós-moderno/Fragmentação	

Pluralização A virada “polifônica”
Mediação As novas formas de mídia como técnica e dados
Histórias e a Morte do
Grande Narrativa A Contação de Histórias/Virada Narrativa
Individualização /
Escolhas / Identidades Instáveis A Virada Auto-Reflexiva
Globalization-Glocalization
Hibridização/Diáspora A virada híbrida: Métodos de descolonização (Smith, 1999)
Hi Tech/ Mediado/
Ciborgue/Pós-Humano A Virada Hi-Tech
Conhecimento como contestado A virada epistemológica
Política e ética pós-moderna A virada política/ética
A Sociedade em Rede Pesquisando fluxos, mobilidades, contingências
Sexualidades como problemáticas The Queer Turn

### Uma introdução reflexiva

A maneira como a pesquisa é feita envolve vários jogos de linguagem - alguns racionais, alguns mais contraditórios, alguns qualitativos, outros quantitativos. No entanto, as línguas que usamos trazem consigo todos os tipos de tensões. Embora às vezes nos ajudem a mapear as maneiras como fazemos pesquisa, muitas vezes trazem suas próprias contradições e problemas. Meu objetivo aqui é abordar algumas das incoerências que encontrei em minhas próprias linguagens de pesquisa e indagações e sugerir maneiras de conviver com elas. Embora eu vá recorrer amplamente a uma variedade de fontes e, com sorte, fornecer alguns exemplos paradigmáticos, o artigo será inevitavelmente pessoal. Deixe-me apresentar a contradição-chave de minhas indagações (todos nós teremos as nossas).

A maior parte de minhas investigações se concentrou nas sexualidades, especialmente em questões lésbicas e gays, com o objetivo final de alguma noção de justiça sexual. Nos primeiros dias, usei um interacionismo simbólico relativamente direto para me guiar em um trabalho de campo relativamente direto e em entrevistas dentro e ao redor da cena gay de Londres no final dos anos 1960, enquanto me envolvi politicamente inicialmente com a Homosexual Law Reform Society e depois nos primeiros anos da Gay Liberation Front. Eu li meu Becker, Blumer, Strauss e Denzin! E, ao mesmo tempo, eu estava me assumindo como um jovem gay e encontrando meu caminho no próprio mundo social que estava estudando. Ultimamente, tal franqueza passou a ser vista como cada vez

mais problemática. De fato, sempre houve uma tensão ali: eu nem sempre a via (Plummer, 1995).

Pois, por um lado, tenho me encontrado usando uma linguagem que cada vez mais chamo de humanismo crítico, aliada ao interacionismo simbólico, pragmatismo, pensamento democrático, narrativa, progresso moral, redistribuição, justiça e boa cidadania (Plummer, 2003a). As inspirações vão de Dewey a Rorty, de Blumer a Becker. Todas essas são ideias bastante antigas e tradicionais e, embora eu tenha percebido suas afinidades pós-modernizadas (assim como outras), elas ainda trazem reivindicações mais ortodoxas sobre experiência, verdades, identidades, pertencimento a grupos e uma linguagem de responsabilidades morais que pode ser compartilhada por meio de diálogos (Plummer, 2003a).

Por outro lado, também me vi às vezes usando uma linguagem muito mais radicalizada que hoje se move sob o nome de teoria queer. O último deve ser geralmente visto como em desacordo com o primeiro: ele põe tudo fora do lugar, fora de ordem. Queer, para mim, é a pós-modernização dos estudos sexuais e de gênero. “Queer” traz consigo uma desconstrução radical de todas as categorias convencionais de sexualidade e gênero. Questiona todos os textos ortodoxos e narrativas do trabalho de gênero e sexualidade no mundo moderno (e em todos os mundos). É um assunto confuso e anárquico – não muito diferente dos anarquistas intelectuais ou dos situacionistas políticos internacionais. Queer parece ser anti-humanista, vê o mundo da normalização e da normalidade como seu inimigo e se recusa a ser sugado por convenções e ortodoxia. Se é sociológico (e geralmente não é), é gótico e romântico, não clássico e canônico (Gouldner, 1973). Ela transgride e subverte.

Por um lado, estou bastante satisfeito com o uso da “nova linguagem do método qualitativo” (Gubrium e Holstein, 1997); por outro, estou muito ciente de uma linguagem queer que encontra problemas em todos os lugares com métodos ortodoxos de ciências sociais (Kong, Mahoney & Plummer, 2001). Mais uma vez, essas tensões são produtos de seu tempo (a teoria queer não existia antes do final dos anos 1980). No entanto, retrospectivamente, parece que sempre andei na corda bamba entre um interacionismo acadêmico, um liberalismo político, uma experiência gay e uma crítica radical.

Mas claro, como sempre, há mais ironias aqui. Desde o final dos anos 1980, tenho me considerado mais ou menos “pós-gay”. Então, quem era aquele jovem do passado que estudou o mundo gay? Da mesma forma, aqueles teóricos queer selvagens começaram a construir seus livros didáticos, seus leitores, seus cursos e proliferaram seus próprios

mundos de culto esotérico que muitas vezes parecem mais acadêmicos do que as obras mais filosóficas de Dewey. Longe de quebrar limites, os teóricos queer frequentemente os erguem. Pois, embora os teóricos queer possam não desejar o fechamento, eles o encontram. As teorias queer têm seus gurus, seus seguidores e seus textos canônicos. Mas, da mesma forma, humanistas e novos pesquisadores qualitativos – encontrando-se sob o cerco de pós-modernistas, teóricos queer, alguns feminismos, multiculturalistas e afins também reagiram – reescrevendo suas próprias histórias e sugerindo que muitas das críticas colocadas à sua porta são simplesmente falsas. Alguns como Richard Rorty – o aparente herdeiro do pragmatismo moderno de Dewey e James – caem em armadilhas curiosas: ele mesmo rotulado de pós-modernista por outros, ele condena os pós-modernistas como “posties” (Rorty, 1999). Aqueles originalmente reivindicados<sup>1</sup>.

Então, aqui estou eu - como muitos outros - um pouco humanista, um pouco pós-gay, uma espécie de feminista, um pouco queer, uma espécie de liberal, e vendo que muito do queer tem o potencial de um importante mudança radical. Nas palavras clássicas do interacionismo: Quem sou eu? Como posso viver com essas tensões?

Agora, isso não pretende ser um ensaio de autoanálise excessivamente indulgente, mas sim um onde, ao começar a refletir sobre tal preocupação, estou simplesmente mostrando as tensões que muitos devem enfrentar nos dias de hoje. Não só não estou sozinho em tais preocupações, como tenho quase certeza de que todas as investigações qualitativas reflexivas enfrentarão suas próprias versões delas. Assim como a maioria das pessoas os enfrenta em suas vidas diárias. Ambivalência é o nome do jogo (1991).

Neste artigo, pretendo lidar com três questões interconectadas levantadas pela pesquisa qualitativa – todas focadas em até onde podemos “empurrar” os limites da pesquisa qualitativa para novos campos, estratégias e consciência política/moral – e como isso tem acontecido continuamente no meu próprio trabalho. Novas linguagens do método

---

<sup>1</sup> Como Dmitri Shalin observou há mais de uma década: “As questões que o interacionismo simbólico destacou desde o seu início e que garantiu seu status de dissidente na sociologia americana apresentam uma estranha semelhança com os temas defendidos pelos pensadores pós-modernistas” (1993: p303). Ele investiga “o marginal, local, cotidiano, heterogêneo e indeterminado” ao lado do “socialmente construído, emergente e plural” (p304). Da mesma forma, David Maines (2001) continuou a sustentar um argumento anterior argumentando que “o interacionismo simbólico, em virtude de seu centro interpretativo, encontra uma afinidade fácil com muito do pós-modernismo, mas, por causa desse mesmo centro, não tem necessidade disso”. Ele considera valioso o ressurgimento do interesse pelo trabalho interpretativo, a importância agora dada à escrita “como intrínseca ao método”, a preocupação com as múltiplas formas de apresentação, e a recuperação de posições de valor e “trabalho crítico” (Maines, 1996: 325). E, como é bem sabido, Norman K. Denzin tem estado na vanguarda da defesa do pós-modernismo dentro da sociologia/estudos culturais e do interacionismo simbólico em vários livros e artigos (por exemplo, Denzin, 1989; 1997; 2003).

qualitativo se beneficiam de novas ideias que, pelo menos inicialmente, podem ser vistas como oposição. É assim que eles crescem e como todo o campo da pesquisa qualitativa se torna mais refinado. No que segue vou perguntar:

**O que é humanismo crítico e como fazer um método humanista crítico?**

**O que é queer e como fazer um método queer?**

**Como viver as contradições?**

**O Projeto Humanista Crítico**

Como as coisas seriam diferentes... se as ciências sociais na época de sua formação sistemática no século XIX tivessem tomado as artes no mesmo grau que tomaram as ciências físicas como modelos (Robert Nisbet, 1976: p. 16).

Há um centro ilusório nesse empreendimento contraditório e cheio de tensão que parece estar se afastando cada vez mais das grandes narrativas e dos paradigmas ontológicos, epistemológicos e metodológicos únicos e abrangentes. Este centro reside no compromisso humanístico do pesquisador qualitativo de estudar o mundo sempre da perspectiva do indivíduo em interação. Deste compromisso simples decorrem as políticas liberais e radicais da pesquisa qualitativa. Pesquisadores de estudos de ação, feministas, clínicos, construtivistas, étnicos, críticos e culturais, todos se unem nesse ponto. Todos eles compartilham a crença de que uma política de libertação deve sempre começar com as perspectivas, desejos e sonhos daqueles indivíduos e grupos que foram oprimidos pela ideologia mais ampla,

Eu uso o termo “humanismo crítico” atualmente para sugerir orientações para a investigação que se concentram na experiência humana – com a estrutura da experiência e sua natureza vivida cotidianamente – e que reconhecem o papel político e social de toda investigação. Move-se por muitos nomes – interacionismo simbólico<sup>2</sup>, etnografia, investigação qualitativa, reflexividade, antropologia cultural, pesquisa de história de vida, etc – mas todos eles têm várias preocupações em mente. Todas essas orientações de pesquisa têm como foco a subjetividade, a experiência e a criatividade humanas: elas começam com as pessoas vivendo suas vidas diárias. Eles olham para sua fala, seus sentimentos, suas ações, seus corpos enquanto se movem em mundos sociais e experimentam as restrições da história e um mundo material de desigualdades e

---

<sup>2</sup> E para alguns, “interacionismo” quase se tornou sinônimo de sociologia - veja Maines (2001) e Atkinson & Housley (2003).

exclusões. Eles fazem reivindicações metodológicas para uma “familiaridade íntima” naturalística com essas vidas, reconhecendo sua própria parte em tal estudo. Eles não reivindicam grandes abstrações ou universalismo – assumindo uma ambivalência inerente e ambiguidade na vida humana sem “soluções finais”, limitam apenas danos - ao mesmo tempo em que percebem as preocupações éticas e políticas de seus súditos e as suas próprias na condução de tais investigações. Eles têm pedigrees pragmáticos, defendendo uma epistemologia de empirismo radical e pragmático que leva a sério a ideia de que o conhecimento – sempre limitado e parcial – deve ser fundamentado na experiência (Jackson, 1989). Nunca é um trabalho neutro e isento de valores, pois o cerne da investigação deve ser os valores humanos. Como John Dewey observou há muito tempo: “Qualquer investigação sobre o que é profunda e inclusivamente (isto é, significativamente) humano entra forçosamente na área específica da moral” (Dewey, 1920: xxvi). A imparcialidade pode ser suspeita; mas um senso rigoroso da esfera ética e política é uma necessidade. Por que alguém se incomodaria em fazer pesquisas se não fosse por uma preocupação ou valor mais amplo? defendendo uma epistemologia de empirismo radical e pragmático que leva a sério a ideia de que o conhecimento – sempre limitado e parcial – deve ser fundamentado na experiência (Jackson, 1989). Nunca é um trabalho neutro e isento de valores, pois o cerne da investigação deve ser os valores humanos. Como John Dewey observou há muito tempo: “Qualquer investigação sobre o que é profunda e inclusivamente (isto é, significativamente) humano entra forçosamente na área específica da moral” (Dewey, 1920: xxvi). A imparcialidade pode ser suspeita; mas um senso rigoroso da esfera ética e política é uma necessidade. Por que alguém se incomodaria em fazer pesquisas se não fosse por uma preocupação ou valor mais amplo? defendendo uma epistemologia de empirismo radical e pragmático que leva a sério a ideia de que o conhecimento – sempre limitado e parcial – deve ser fundamentado na experiência (Jackson, 1989). Nunca é um trabalho neutro e isento de valores, pois o cerne da investigação deve ser os valores humanos. Como John Dewey observou há muito tempo: “Qualquer investigação sobre o que é profunda e inclusivamente (isto é, significativamente) humano entra forçosamente na área específica da moral” (Dewey, 1920: xxvi). A imparcialidade pode ser suspeita; mas um senso rigoroso da esfera ética e política é uma necessidade. Por que alguém se incomodaria em fazer pesquisas se não fosse por uma preocupação ou valor mais amplo? já que o cerne da investigação deve ser os valores humanos. Como John Dewey observou há muito tempo: “Qualquer investigação sobre o que é profunda e inclusivamente (isto é, significativamente) humano

entra forçosamente na área específica da moral” (Dewey, 1920: xxvi). A imparcialidade pode ser suspeita; mas um senso rigoroso da esfera ética e política é uma necessidade. Por que alguém se incomodaria em fazer pesquisas se não fosse por uma preocupação ou valor mais amplo? já que o cerne da investigação deve ser os valores humanos. Como John Dewey observou há muito tempo: “Qualquer investigação sobre o que é profunda e inclusivamente (isto é, significativamente) humano entra forçosamente na área específica da moral” (Dewey, 1920: xxvi). A imparcialidade pode ser suspeita; mas um senso rigoroso da esfera ética e política é uma necessidade. Por que alguém se incomodaria em fazer pesquisas se não fosse por uma preocupação ou valor mais amplo?

Quais são esses valores? Em termos mais gerais, o humanismo crítico defende aqueles valores que dão dignidade à pessoa<sup>3</sup>, reduzem seus sofrimentos e aumentam seu bem-estar. Existem muitos desses sistemas de valores, mas eles provavelmente teriam que incluir:

*Um compromisso com todo um conjunto de valores democratizantes* (em oposição aos totalitários) que visam reduzir/eliminar os sofrimentos humanos. Eles tomam como base o valor do ser humano e muitas vezes fornecem uma série de direitos humanos sugeridos – liberdade de movimento, liberdade de expressão, liberdade de associação, liberdade contra prisão arbitrária, etc. Eles quase sempre incluem o direito à igualdade. É fortemente antissufrimento e fornece um grande impulso em direção à igualdade e à liberdade para todos os grupos, incluindo aqueles com “diferenças” de todos os tipos (Felice, 1996;

*Uma ética do cuidado e da compaixão*: significativamente desenvolvida pelas feministas, este é um valor onde o cuidar do outro assume um papel primordial e onde a simpatia, o amor e até a fidelidade passam a ser preocupações prioritárias (Tronto, 1993).

*Uma política de reconhecimento* (em oposição ao não reconhecimento) e respeito: seguindo o trabalho de Axel Honneth (1995) (e significativamente moldado anteriormente por George Herbert Mead), este é um valor onde os outros são sempre reconhecidos e um certo nível de empatia é realizada

---

<sup>3</sup> A filósofa feminista liberal e humanista Martha Nussbaum (1999:41) sugere uma longa lista de “capacidades humanas” que precisam ser cultivadas para funcionar como um ser humano. Estes incluem preocupações como sentidos de “saúde corporal e integridade”, imaginação, pensamento; emoções; razão prática; afiliação; preocupação com outras espécies; jogar; controle sobre o próprio ambiente; e a própria vida”. A isso devo acrescentar o crucial processo autorreflexivo – um processo de comunicação – que é central para a maneira como funcionamos.

A importância da confiança: ela reconhece que nenhuma relação social (ou sociedade) pode funcionar a menos que os humanos tenham pelo menos um mínimo de confiança uns nos outros (O'Neill, 2002).

É claro que muitos desses valores trazem suas próprias tensões: devemos trabalhá-los e conviver com eles. Uma contradição potencial gritante, por exemplo, pode ser falar de valores humanísticos sob o capitalismo, pois muitos dos valores do humanismo devem ser vistos como enfatizando valores fora do mercado. São valores que não necessariamente recebem uma classificação elevada em uma economia capitalista. Cornel West colocou isso bem:

Em nosso tempo, está se tornando extremamente difícil para os valores não mercadológicos ganhar uma posição. A paternidade é uma atividade não mercantil; tanto sacrifício e serviço são investidos nele sem qualquer garantia de que os provedores receberão algo de volta. Misericórdia, justiça: não são mercado. Cuidado, serviço: não mercado. Solidariedade, fidelidade: não mercantil. Doçura e bondade e gentileza. Todos não mercado. Tragicamente, os valores fora do mercado são relativamente escassos.... (West, 1999: 11)

### **As metodologias do humanismo**

Esses valores sustentam fortemente o humanismo crítico. Em seu livro clássico, *The Human Perspective in Sociology*, TS Bruyn (1966) localiza essa perspectiva humanista como fortemente aliada aos métodos de observação participante. Em outro lugar, e muito depois, sugeri uma série de estratégias de histórias de vida para chegar à experiência humana. A tarefa é uma “narrativa bastante completa de toda a experiência de vida de uma pessoa como um todo, destacando os aspectos mais importantes” (Atkinson, 1998:8). Estes podem ser longos, curtos, reflexivos, coletivos, genealógicos, etnográficos, fotográficos, até auto/etnográficos. (Plummer, 2001). As histórias de vida são uma ferramenta humanística primordial, mas é muito errado sugerir que isso significa que as histórias só se preocupam com a subjetividade e a experiência pessoal<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> No rico estudo de Bob Connell sobre Masculinidades (1995) – um estudo que está longe de ser declaradamente “humanista” ou “queer” – ele toma as histórias de vida como emblemáticas/sintomáticas de “tendências de crise nas relações de poder (que) ameaçam masculinidade hegemônica diretamente” (olhando para quatro grupos de homens em crise - ambientalistas radicais, redes gays e bissexuais, jovens homens da classe trabalhadora e homens da nova classe). Connell insinua que não levo isso a sério (1995: página 89) No entanto, mesmo na primeira edição do meu livro *Documents of Life*, deixo bem claro que entre as contribuições da história de vida ela pode ser vista como uma “ferramenta para história”, como uma perspectiva sobre a totalidade, e um foco chave na mudança social! (Plummer 1983:68-9).

Ao longo de tudo isso, há uma preocupação pronunciada não apenas com a compreensão humanística da experiência, mas também com as formas de contar as histórias da pesquisa. Normalmente o pesquisador está presente de várias formas no texto: raramente é apenas um texto neutro com um observador passivo. O estudo de Chris Carrington (1999) sobre famílias gays, por exemplo, deixa muito claro desde o início sua própria localização dentro de uma família monoparental (“Eu cresci em uma família trabalhadora pobre, chefiada por mulheres, monoparental. Durante grande parte da minha na infância, para poder pagar as contas, minha mãe trabalhava à noite como barman, havia períodos em que ela não conseguia horas suficientes e nossa família tinha que recorrer a vale-refeição e assistência social... p. 7). Da mesma forma, o estudo de Peter Nardi (1999) sobre as amizades de gays é conduzido por sua própria paixão por amigos. (“O que se segue é, em parte, uma tentativa de dar sentido às minhas próprias experiências com amigos...” p. 2). Investigações humanísticas geralmente revelam pesquisadores humanísticos.

Mais comumente, como em *Freaks Talk Back*, de Josh Gamson, e *Drag Queens*, de Leila Rupp e Verta Taylor, no *801 Cabaret*, o método empregado envolverá a triangulação – uma combinação de ferramentas de análise cultural<sup>5</sup>. Aqui “múltiplas fontes de dados pertencentes a textos, produção e recepção são coletadas e as interseções entre elas analisadas. No estudo de Rupp e Taylor sobre drag queens, eles observaram, gravaram e transcreveram cinquenta performances de drag - junto com o diálogo, a música e as interações do público, incluindo fotografias e se vestindo. Coletaram dados sobre as performances por meio de encontros semanais das drags, e histórias de vida semiestruturadas; e conduziram grupos focais com pessoas que assistiram às apresentações. Além disso, eles olharam para jornais semanais (o jornal gay *Celebrate*) e outros para construir parcialmente a história dos grupos. Sua pesquisa tem um objetivo político. Isso é humanista, sociológico e também queer, mostrando que combinações são possíveis.

Outro exemplo recente desse tipo de trabalho é o relato de Harry Wolcott (2002) sobre Brad, the Sneaky Kid. Wolcott, antropólogo educacional, é bastante conhecido por seus escritos e livros metodológicos, especialmente no campo da educação. Este livro

---

<sup>5</sup> Ou como Rupp e Taylor o chamam: “o modelo tripartido de investigação cultural” (2003:223).

começou no início dos anos 80 como um pequeno artigo de jornal sobre a história de vida de Brad, um jovem problemático de 19 anos. A história visa abordar a experiência humana do fracasso educacional: especialmente como há tão pouco apoio para aqueles que não são bem atendidos por nossos sistemas educacionais.

Esta teria sido uma história de vida interessante, mas nada excepcional, não fosse por todos os desenvolvimentos que surgiram posteriormente em torno dela. Assim, o que não é contado na história original são os detalhes de como Wolcott conheceu Brad, como fez sexo gay com ele ou como conseguiu que ele contasse a história de sua vida. E muito se segue à história original, que mais tarde toma rumos curiosos: Brad desenvolve esquizofrenia e retorna uma noite à casa de Wolcott para queimá-la em uma tentativa enfurecida de matá-lo. Isso leva à destruição completa da casa de Wolcott e de todos os seus pertences (e os de seu parceiro professor). Segue-se um sério processo judicial em que Brad é julgado e enviado para a prisão. Apesar da culpa de Brad, o próprio Wolcott é examinado por seu relacionamento, homossexualidade e até mesmo por seu papel como antropólogo. A família de Brad está especialmente infeliz com o relacionamento com Wolcott, mas muitos acadêmicos também. Por fim, Brad é internado. Eventualmente, a história também se transforma em uma intrigante peça etnográfica. Eu apenas li o texto da peça e não a vi encenada. Ainda assim, a julgar pelo texto apresentado aqui, ele aparece como uma colagem de música pop dos anos 1980, slides com slogans e um drama de duas camadas – uma sobre o relacionamento de Brad com Wolcott e outra sobre as reflexões de Wolcott como professor sobre as dificuldades da etnografia.

Menciono este estudo porque, embora tenha começado como uma glosa da história de vida – uma simples retransmissão da história de Brad –, devido às curiosas circunstâncias a que deu origem, revelou-se uma história muito mais rica e complexa, que gerou uma série de perguntas e debates sobre as questões éticas, pessoais e práticas que envolvem o trabalho de campo. E a sexualidade e o gênero estavam basicamente no centro. É um conto emocionante do tipo de questões destacadas por todas as pesquisas humanísticas. De fato, dentro do livro uma segunda grande narrativa começa a aparecer – a do próprio Harry Wolcott. Ele sempre esteve presente, é claro, mas agora sua história assume o controle - pois ele revela primeiro como fazia sexo regular com o jovem, a desaprovação de Brad por sua parceira e como uma noite ele voltou para sua casa para encontrar uma namorada forte. Cheiro de óleo e um Brad gritando “Seu filho da puta. Eu vou te matar. Eu vou te matar. Vou te amarrar e te deixar em casa e botar fogo na casa”.

(p. 74). Felizmente, Harry escapa: mas infelizmente sua casa não. Ele arde inteiramente em chamas, com todos os pertences dele e de seu parceiro. Possivelmente um dos principais momentos dramáticos na narrativa de histórias de vida – certamente uma “epifania”! Mas depois disso segue-se um capítulo importante que conta o funcionamento do tribunal - como ele próprio está quase sendo julgado.

Quando Sneaky Kid foi publicado pela primeira vez em 1983, era um pequeno ensaio de 30 páginas; mas agora se transformou em um livro de mais de 200 páginas. O artigo original não fala muito sobre o relacionamento do qual surgiu, etc; agora este livro conta muito mais. Mas levanta agudamente a questão de quanto ainda foi deixado de fora. O livro serve como um forte lembrete de que todas as ciências sociais – incluindo histórias de vida – são apenas seleções parciais de realidades. Há sempre muita coisa acontecendo nos bastidores que não é contada. Aqui temos o inevitável viés, a parcialidade, os limites, a seletividade de todas as histórias contadas. Mas não vou levar essas questões adiante aqui.

### **Os problemas com o humanismo**

Embora eu ache que o humanismo tem muito a oferecer à investigação qualitativa, é uma visão muito fora de moda hoje em dia, já que muitos cientistas sociais parecem querer se voltar apenas para o discurso e a linguagem. Mas essa abordagem não é incompatível com isso, pois evoca as humanidades (muito mais do que outras tradições), amplia as comunidades de entendimento ao dialogar com as vozes dos outros e assume um forte impulso democrático como força por trás de seu pensamento e investigação. Como uma imagem para pensar sobre a vida social, isso é bom. Traz consigo a possibilidade de tal investigação se envolver em poesia e poética, drama e performance, filosofia e fotografia, vídeo e filme, narrativa e histórias.

No entanto, hoje em dia, o humanismo continua sendo um termo totalmente controverso e contestado – e não menos pelos próprios teóricos queer. Conhecemos, é claro, os ataques de longa data ao humanismo de teologias, de psicologias comportamentais e de certos tipos de filósofos – há um debate notório entre o Existencialismo e Humanismo do humanista Sartre e a Carta sobre o Humanismo de Heidegger. Mas os ataques mais recentes denunciaram o “humanismo” como uma forma de dominação e colonização branca, masculina, ocidental e de elite que está sendo imposta em todo o mundo e que traz consigo um senso muito forte do indivíduo único. É visto como contra o pós-modernismo. E em uma declaração reveladora, Foucault

proclama “O indivíduo moderno – objetivado, analisado, fixado – é uma conquista histórica. Não existe uma pessoa universal sobre a qual o poder realizou suas operações e conhecimentos, suas indagações”. (Foucault, 1979 p159-60). O “sujeito humano” torna-se uma invenção ocidental. Não é um progresso ou uma libertação - apenas uma armadilha para as forças do poder.

Esse grupo solto, mas importante, de posições críticas ao humanismo – geralmente identificado com uma sensibilidade pós-moderna – incluiria teóricos queer, teóricos multiculturais, pós-colonialistas, muitas feministas e antirracistas, bem como teóricos pós-estruturais. Agora, embora eu tenha muita simpatia por esses projetos e pelas metodologias críticas que eles geralmente adotam (por exemplo, Smith, 1999), também acredito no valor das tradições pragmática e humanista. Como posso viver com isso?

Deixe-me olhar brevemente para o que os críticos dizem. Eles afirmam que os humanistas propõem algum tipo de “ser humano” ou eu comum e, portanto, universal: uma humanidade comum que nos cega para diferenças e posições mais amplas no mundo. Muitas vezes, isso é visto como uma força poderosa, atualizada e autônoma no mundo – o agente individual está no centro da ação e do universo. Diz-se que isso resulta em um individualismo aberto fortemente ligado ao projeto iluminista (ocidental, patriarcal, racista, colonialista etc.), que se transforma em uma série de reivindicações morais e políticas sobre o progresso por meio de uma sociedade liberal e democrática. O humanismo está ligado a um “eu” universal e desimpedido e ao projeto liberal ocidental “moderno”.

### **Um Humanismo mais complexo?**

Mas tais afirmações feitas contra o “humanismo” rebaixam um termo complexo e diferenciado a algo simples demais. Eles podem, é verdade, significar todos os itens acima; mas o termo não precisa. Há, como Alfred McLung Lee e outros traçaram, uma longa história e muitas formas de humanismo. (Lee, 1978: 44-5). Os ataques geralmente são travados em um alto nível de generalidade e as especificidades do que constitui “o humano” são frequentemente negligenciadas seriamente. Mas, como sugeri em outro lugar, para mim, esse “ser humano” nunca é um átomo passivo e indefeso. Os humanos devem estar localizados no tempo e no espaço: estão sempre recheados de sua cultura e história, e devem “se aninhar” em um universo de contextos. Os seres humanos são animais corporificados, sensíveis e criaturas com grande potencial simbólico. Eles se envolvem em comunicação simbólica e são dialógicos e intersubjetivos: não existe o

indivíduo solitário. Suas vidas são moldadas pelo acaso, momentos fatais, epifanias, contingências. Há também uma tensão contínua entre as especificidades e variedades das humanidades em qualquer época e lugar, e os potenciais universais que podem ser encontrados em todos os humanos. E há um engajamento contínuo com questões morais, éticas e políticas.

Curiosamente, também está claro que muitos dos aparentes oponentes do humanismo podem ser encontrados querendo manter alguma versão do humanismo, afinal. De fato, é estranho que alguns dos oponentes mais fortes caíam em uma espécie de humanismo em diferentes pontos de seu argumento. Por exemplo, Edward Said – um importante crítico pós-colonial do humanismo de estilo ocidental na verdade defende outro tipo de humanismo “despojado de todo o seu “peso desagradavelmente triunfalista”, e em seu trabalho recente ele realmente afirma ser um humanista. (Said, 1992: 230; 2003))

De fato, no início do século XXI, há muitos sinais de que a crítica ao humanismo que perpassou o século anterior começou a ser revigorada como objeto de investigação. Cada vez mais comentaristas contemporâneos – bem cientes dos ataques acima – passam a fazer algum tipo de reivindicação humanista. Não seria difícil encontrar sinais de humanismo (e mesmo que o negassem!) uma versão do humanismo com o ser humano no centro da análise, com cuidado e justiça como valores centrais e com o uso de quaisquer métodos à mão que tragam a história à tona<sup>6</sup>. Portanto, quaisquer que sejam as críticas, parece que um humanismo crítico ainda tem seu lugar nas ciências sociais e na investigação qualitativa. Mas antes de irmos longe demais, devemos ver o que a teoria queer tem a dizer sobre tudo isso.

### **Um Projeto Queer**

Queer articula um questionamento radical das normas sociais e culturais, noções de gênero, sexualidade reprodutiva e família  
Cherry Smith 1996: 280

Queer é, por definição, tudo o que está em desacordo com o normal, o legítimo, o dominante. Não há nada em particular a que se refira necessariamente.

David Halper em 1995: 62.

A teoria queer começou a surgir em meados da década de 1980 na América do Norte, em grande parte como uma resposta baseada em humanidades/multicultural a um

---

<sup>6</sup> Da mesma forma, nas obras de Cornell West, Jeffrey Weeks, Seyla Benhabib, Anthony Giddens, Zygmunt Bauman, Agnes Heller, Jurgen Habermas, Michel Bakhtin e muitos outros, posso sentir um humanismo em ação. Não importa o jogo de nomeação em que eles têm que se apresentar como humanistas (embora alguns claramente o façam); o que importa são os objetivos que eles veem que produzirão compreensão adequada e mudança social para melhor. Aqui muitos deles são lidos como humanistas falhos.

“estudos lésbicos e gays” mais limitados. Enquanto as ideias de Michel Foucault se avolumam (com suas falas sobre “regimes de verdade” e “explosões discursivas”), as raízes da teoria queer (se não o termo) são geralmente vistas como estando na obra de Teresa de Lauretis (Halperin, 2003:339) e Eve Kasofsky Sedgwick, que argumentou que

.... Muitos dos principais nós de pensamento e conhecimento na cultura ocidental do século XX como um todo são estruturados – de fato fraturados – por uma crise crônica, agora endêmica de definição homo/heterossexual, indicativamente masculina, datando do final do século XIX... ... uma compreensão de qualquer aspecto da cultura ocidental moderna deve ser, não apenas incompleta, mas danificada em sua substância central a ponto de não incorporar uma análise crítica da definição moderna de homo/heterossexual. (Sedgwick, 1990: 1)

O trabalho de Judith Butler tem se preocupado menos com a desconstrução da divisão binária homo/heterossexual e mais interessado em desconstruir a divisão sexo/gênero. Para ela, não pode haver nenhum tipo de reivindicação a nenhum gênero essencial: é tudo “performativo”, escorregadio, não fixo. Se existe um coração para a teoria queer, então, ela deve ser vista como uma postura radical em torno da sexualidade e do gênero que nega quaisquer categorias fixas e procura subverter quaisquer tendências em direção à normalidade dentro de seu estudo (Sullivan, 2003).

Apesar dessas sugestões iniciais, o termo é muito difícil de definir (alguns veem isso como uma virtude necessária para uma teoria que recusa identidade fixa). Passou a significar muitas coisas, e Alexander Doty pode sugerir pelo menos seis significados diferentes para o termo. Às vezes, é usado simplesmente como sinônimo de lésbica, gay, bissexual, transgênero (LGBT). Às vezes é um “termo guarda-chuva” que reúne uma gama das chamadas “posições não retas”. Às vezes, simplesmente descreve qualquer expressão não normativa de gênero (que pode incluir hétero). Às vezes, é usado para descrever “coisas não heterossexuais” não claramente sinalizadas como lésbicas, gays etc., mas que trazem consigo uma possibilidade para tal leitura, mesmo que incoerentemente. Às vezes localiza o “trabalho não reto, cargos, prazeres e leituras de pessoas que não compartilham da mesma orientação sexual do texto que estão produzindo ou respondendo”. Indo ainda mais longe, Doty então sugere que pode ser uma forma particular de leitura cultural e codificação textual que cria espaços não contidos em categorias convencionais como gay, hétero, transgênero. Curiosamente, o que todos os seus significados têm em comum é que eles são de alguma forma descritivos de textos e estão de alguma forma ligados a categorias (geralmente transgressoras) de gênero e sexualidade. (Doty, 2000:6). O que todos os seus significados têm em comum é que eles

são de alguma forma descritivos de textos e estão de alguma forma ligados a categorias (geralmente transgressoras) de gênero e sexualidade. (Doty, 2000:6). O que todos os seus significados têm em comum é que eles são de alguma forma descritivos de textos e estão de alguma forma ligados a categorias (geralmente transgressoras) de gênero e sexualidade. (Doty, 2000:6).

Em geral, “Queer” pode ser visto como desconstruindo parcialmente nossos próprios discursos e criando uma maior abertura na maneira como pensamos por meio de nossas categorias. A teoria queer deve desafiar explicitamente qualquer tipo de fechamento ou acordo e, portanto, quaisquer tentativas de definição ou codificação devem ser inúteis. A teoria queer é, para citar Michael Warner, um duro ataque aos “negócios normais na academia” (Warner, 1992: p25). Coloca o paradoxo de estar dentro da academia e querer estar fora dela. Ele sugere que uma “ordem sexual se sobrepõe a uma ampla gama de instituições e ideologias sociais, desafiar a ordem sexual é, mais cedo ou mais tarde, encontrar essas instituições como um problema” (Warner, 1991:5). A teoria queer é realmente pós-estruturalismo (e pós-modernismo) aplicado a sexualidades e gêneros.

Até certo ponto, pode ser visto como outra versão específica do que Nancy Hartstock e Sandra Harding chamam de Teoria do Ponto de Vista (embora eu nunca a tenha visto discutida dessa maneira). Inicialmente desenvolvido como uma forma de analisar a posição de subordinação e dominação das mulheres, sugere que pode emergir uma “consciência de oposição” que transcende o conhecimento mais dado como certo. Curiosamente, quase nenhum homem assumiu essa posição, mas outras mulheres – mulheres de raça e deficiência, por exemplo – o fizeram. Os homens parecem ignorar a postura. E também os teóricos queer: no entanto, o que podemos ter na teoria queer é realmente algo semelhante a um “ponto de vista queer”.

Alguns temas-chave merecem destaque. A teoria queer é uma postura em que tanto o binário heterossexual/homossexual quanto a divisão sexo/gênero são desafiados.

Há um descentramento da identidade.

Todas as categorias sexuais são abertas, fluidas e não fixas (o que significa que as identidades lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros modernas são fraturadas junto com todas as heterossexuais).

Ele oferece uma crítica da homossexualidade mainstream ou “corporativa”

Ele vê o poder como sendo incorporado discursivamente. A libertação e os direitos dão lugar à transgressão e ao carnaval como objetivo da ação política – o que se convencionou chamar de “política de provocação”.

Todas as estratégias de normalização são evitadas.

O trabalho acadêmico pode se tornar irônico, muitas vezes cômico e paradoxal, às vezes carnavalesco. “Que diferença um gay faz”, “em um dia queer você pode ver para sempre” (cf. Gevert et al, 1993).

Versões de posições de sujeito homossexual estão inscritas em todos os lugares – até mesmo nas heterossexualidades.

O paradigma do desvio é totalmente abandonado e o interesse reside numa lógica de insiders/outsidere e transgressão

Seus objetos de estudo mais comuns são textuais – filmes, vídeos, romances, poesias, imagens visuais.

Seus interesses mais frequentes incluem uma variedade de fetiches sexuais, drag kings e drag queens, gênero e diversão sexual, cibersexualidades, poliamor, sadomasoquismo e todos os mundos sociais da chamada borda sexual radical

### **Uma Metodologia Queer?**

Com base nisso, quais são suas implicações para o método (uma palavra que raramente usa)? Em sua forma mais geral, a teoria queer é uma recusa de todos os métodos ortodoxos – uma “certa deslealdade aos métodos disciplinares convencionais” (Halberstam: 1998). O que, então, o método queer realmente faz? Com o que se parece? Deixe-me dar alguns exemplos. Em resumo, deixe-me dar alguns exemplos do que uma metodologia queer pode oferecer.

A virada textual: releituras de artefatos culturais. Os métodos queer empregam predominantemente interesse e análise de textos – filmes, literatura, televisão, ópera, musicais. Esta é talvez a estratégia mais comumente preferida da teoria queer. De fato, Michael Warner observou que “quase tudo o que poderia ser chamado de teoria queer é sobre as maneiras pelas quais os textos – seja a literatura ou a cultura de massa da linguagem – moldam a sexualidade”. Mais extremamente, ele continua - “você não pode eliminar a estranheza ... ou excluí-la. Está em toda parte. Não tem onde se esconder, hetero escória!” (Warner, 1992:19). O locus classicus desse modo de pensar é geralmente visto como *Between Men* (1985), de Sedgwick, onde ela examinou várias obras literárias importantes (de Dickens a Tennyson) e relê esses textos como movidos pela

homossexualidade, homossocialidade e homofobia. Embora o patriarcado possa condenar o primeiro, valoriza positivamente o último (Sedgwick, 1985). Em seu rastro vieram inúmeras releituras sobre tais temas. Em trabalhos posteriores, ela faz leituras de obras tão diversas quanto *The Nun*, de Diderot, *The Importance of Being Earnest*, de Wilde, e autores como James e Austen (1990;1994). Em seu rastro, Alexander Doty faz leituras queer para produtos da cultura de massa como “a sitcom” - de leituras lésbicas das sitcoms *I Love Lucy* ou *The Golden Girls*, o papel de “homens héteros femininos” como Jack Benny, e o bissexual significados em *Gentlemen Prefer Blondes* (Doty, 1992;2000). De fato, quase nenhum texto escapa aos olhos do teórico queer e autores como James e Austen (1990;1994) e, em seu rastro, Alexander Doty, fazem leituras queer para produtos da cultura de massa como “a sitcom” - de leituras lésbicas das sitcoms *I Love Lucy* ou *The Golden Girls*, o papel de “homens héteros femininos” como Jack Benny, e o bissexual significados em *Gentlemen Prefer Blondes* (Doty, 1992;2000).

Etnografias subversivas: trabalho de campo revisitado. Muitas vezes, são etnografias relativamente diretas de mundos sexuais específicos que desafiam suposições. Sasho Lambevski (1999), por exemplo, tenta escrever “uma etnografia interna, crítica e experiencial da multiplicidade de posições sociais (classe, gênero, etnia, religião) a partir das quais os “gays” na Macedônia são posicionados, governados, controlados e silenciados como pessoas subalternas” (1999: 301). Como um macedônio “gay” (os termos devem ser um problema neste contexto?) que passou um tempo estudando o HIV na Austrália, ele analisa os conflitos sexuais gerados entre macedônios gays e albaneses gays (não importa a conexão australiana). Lambevski olha para as velhas cenas de cruzeiros em Skopje, conhecidas por ele de antes, que agora assumem múltiplos e diferentes significados ligados a sexualidades, etnias, jogos de gênero, culturas em choque. Cruzeiro para sexo aqui não é uma questão simples. Ele descreve como, ao abordar e reconhecer um parceiro sexual em potencial como um albanês (em um antigo refúgio), ele se sente paralisado. Ambos os corpos são inundados com significado étnico, não apenas sexo, e as etnias geram poder. Ele escreve: “Obedeci colocando a máscara (discursiva) de minha macedonicidade sobre meu corpo”. Em outro tempo e lugar, ele pode ter reagido de maneira muito diferente.

Lambevski é abertamente crítico de muita etnografia e deseja escrever uma etnografia experiencial queer, não uma etnografia confessional (1999: 298). Ele se recusa a se comprometer com o que chama de “uma mentira textual”, que “continua a persistir em muito do que é considerado um verdadeiro texto etnográfico”. Aqui corpos,

sentimentos, sexualidades, etnias, religiões podem ser facilmente deixados de fora. Tampouco, afirma ele, a etnografia pode simplesmente depender da observação do local ou de uma entrevista isolada. Existe uma grande cadeia de conexão: “a cena gay está inextricavelmente ligada ao sistema escolar macedônio, à estruturação das famílias macedônias e albanesas e às relações de parentesco, ao estado macedônio e sua história política, ao sistema médico macedônio com seu poder de marcar e segregar “anormalidade” (“homossexualidade”) (1999: 299). Existe uma cadeia de sites sociais; e, ao mesmo tempo, sua própria vida é parte integrante disso (macedônio queer, australiano, gay). Poucos pesquisadores foram tão honestos quanto às tensões que impregnam suas vidas e as cadeias mais amplas de conexão que moldam seu trabalho.

Acho difícil acreditar que isso não seja verdade para todas as pesquisas: mas geralmente é silenciado. O clássico *Tearoom Trade* de Laud Humphrey (1970), por exemplo – reconhecidamente escrito cerca de 30 anos antes – não pode falar sobre a própria homossexualidade de Humphrey, sua própria presença corporal (embora haja uma pequena nota de rodapé sobre o sabor do sêmen!), Seus mundos emocionais, sua classe média branca ou sua papel como um padre casado branco. Pelo contrário, embora ele lembre o leitor de sua formação religiosa e de sua esposa, isso serve mais como uma distração. Por mais importante que tenha sido em sua época, esse é um tipo de etnografia muito diferente. O mesmo se aplica a um host que o seguiu. Eles estavam menos conscientes da natureza problemática das categorias e dos vínculos com mundos materiais. Eles eram, de uma forma muito real, “etnografias ingênuas” - de alguma forma pensando “a história poderia ser contada diretamente como ela era”. Vivemos em tempos menos inocentes, e a teoria queer é um marcador disso.

Metodologias Scavenger: A invasão de múltiplos textos para montar novos. Um bom exemplo de “método” queer é o trabalho de Judith Halberstam sobre “masculinidade feminina” (1998). Sugerindo que falhamos em desenvolver formas de ver que possam apreender os diferentes tipos de masculinidades que as mulheres revelaram tanto no passado quanto no presente, ela escreve um estudo que documenta o alcance absoluto de tais fenômenos. Em seu próprio trabalho, ela “invade” métodos textuais literários, teoria do cinema, pesquisa de campo etnográfica, pesquisa histórica, registros de arquivo e taxonomia para produzir seu relato original de formas emergentes de “masculinidade feminina”. (Halberstam, 1999: 9-13). Aqui temos mulheres europeias aristocráticas travestidas da década de 1920, lésbicas butch, sapatões, drag kings, molecas, rappers black-“butch in the hood”, trans-butches, tribade, gênero invertido, stone butch, mulheres

para transexual masculino (FTM), e o dique de touro furioso! Ela também detecta através de filmes tão diversos quanto *Alien* e *The Killing of Sister George* pelo menos seis protótipos do masculino feminino: molecas, Predadores, Fantasy Butches, Travestites, Barely Butches e Postmodern Butches (1998: Ch 6).

Ao apresentar esta coleção heterogênea, ela usa uma “metodologia catadora... [de] diferentes métodos para coletar e produzir informações sobre sujeitos que foram deliberada ou acidentalmente excluídos dos estudos tradicionais do comportamento humano”. Ela toma emprestada a “taxonomia do nonce” de Eve Kasofsky Sedgwick: “A criação e desconstrução e refazimento e redissolução de centenas de significados categóricos antigos e novos relativos a todos os tipos necessários para compor um mundo” (1990: 23). Este é o modo de “desconstrução” e neste mundo as próprias ideias de que tipos de pessoas chamadas homossexuais ou gays ou lésbicas (ou mais precisamente “homens” e “mulheres”) podem ser simplesmente convocados para estudo torna-se um problema-chave nele mesmo. Em vez disso, o pesquisador deve se tornar cada vez mais aberto para começar a perceber novos mundos de possibilidades.

Muitos desses mundos sociais não são imediatamente transparentes, enquanto outros são amorfamente incipientes e em formação. Toda essa pesquisa traz à tona mundos sociais apenas vagamente articulados até agora - com, é claro, a sugestão de que existem mais, muitos mais, ainda mais profundamente ocultos. Agora, em certo sentido, ela capta rica fluidez e diversidade – tudo isso acontecendo logo abaixo das estruturas superficiais da sociedade. Mas, em outro sentido, seu próprio ato de nomear, inovar termos, categorizar tende a criar e agregar novas diferenças.

Performance de Gênero e Performance Etnográfica. Baseando-se frequentemente no trabalho de Judith Butler, que vê o gênero como nunca essencial, sempre não fixo, não inato, nunca natural, mas sempre construído por meio da performatividade – como uma “repetição estilizada de atos” (1990: 141) – grande parte do trabalho na teoria queer tem brincado com gênero. Inicialmente fascinado por drag, transgênero e transexualismo, com Divas, Drag Kings e principais transgêneros como Del LaGrace Volcano e Kate Borenstein (1995), alguns deles funcionaram quase como uma espécie de drag terrorista subversivo. Desperta desejos curiosos e desconhecidos queered emancipando as pessoas das restrições da tirania de gênero do suposto “corpo normal”. (Volcano, Del LaGrace & Halberstam, 1999). Outros se mudaram para considerar uma ampla variedade de brincadeiras com gêneros - de “fadas” e “ursos”, cenas de couro e Mardi Gras,

Às vezes, o desempenho pode ser visto como ainda mais direto. Aparece no trabalho de documentários alternativos, em “vídeo terrorismo” e “teatro de rua”, em programas de entrevistas a cabo, obras de arte experimentais, fitas de ativistas. No final dos anos 1980 houve uma expansão significativa do vídeo lésbico e gay (assim como filmes e festivais de cinema) e na academia foram criados postos para lidar com isso, bem como agrupamentos mais informais. (Veja, por exemplo, *Paris is Burning*, de Jennie Livingstone – que analisa o “circuito do baile” de homens gays pobres e transgêneros, geralmente negros, no final dos anos 1980 em Nova York; ou *Banquete de casamento de Ang Lee*, que reconfigurou a dominante “rainha do arroz “imagem)”<sup>7</sup>.

Explorando estudos de caso novos/passados. A teoria queer também examina novos estudos de caso. Michael Warner, por exemplo, analisa uma série de estudos de caso de públicos emergentes. Uma me chama a atenção: são os detalhes de um cabaré queer (um contrapúblico?) que envolve o “vômito erótico”. Sugerindo uma espécie de “heterossexualidade nacional” junto com “valores familiares” satura muito da conversa pública, ele argumenta que múltiplas culturas queer trabalham para subvertê-los. Ele investiga o público queer de um “bar de couro comum” - onde as rotinas são “espancamento, flagelação, barbear, marca, laceração, escravidão, humilhação, luta livre - como dizem, você sabe, o de sempre”. Mas de repente este bar comum de jardim é subvertido pelo menos do que o habitual: um cabaré daquilo a que se chama vômito erótico (Warner, 2002: 206-10).

A leitura de si. A maioria das pesquisas dentro da teoria queer brinca com o eu do autor – eles raramente estão ausentes. O relato de DA Miller, por exemplo, sobre o musical da Broadway e o papel que ele desempenha na vida queer é um relato intensamente pessoal do musical – incluindo instantâneos do autor quando criança e os álbuns tocados.

### **O que há de novo?**

Por mais interessantes que muitos desses métodos, teorias e estudos certamente sejam, eu sugeriria que há realmente muito pouco que poderia ser chamado de verdadeiramente novo ou impressionante aqui. Frequentemente, é pouco mais do que a teoria literária chegando tardiamente a ferramentas das ciências sociais como a etnografia e a reflexividade. E às vezes empresta algumas das metáforas mais antigas – como o

---

<sup>7</sup> Veja, por exemplo, *Jump Cut*, *Screen*, *The Celluloid Closet*, *Now You see it?* O coletivo *Bad Object Choices* e o trabalho de Tom Waugh, Pratibha Parmar.

drama. A teoria queer não me parece constituir nenhum avanço fundamental sobre as ideias recentes na investigação qualitativa – ela toma emprestado, remodela e reconta. O que pode ser mais radical é sua persistente preocupação com categorias e gênero/sexualidade - embora, na verdade, isso também tenha sido questionado há muito tempo (cf. Weston, 1998; Plummer, 2002). O que parece estar em jogo, então, em qualquer queerização da pesquisa qualitativa não é tanto um estilo metodológico, mas uma preocupação política e substantiva com gênero, heteronormatividade e sexualidades. Seu desafio é trazer o gênero e a sexualidade estabilizados para o primeiro plano das análises de maneiras que normalmente não são, e que colocam sob ameaça qualquer mundo ordenado de gênero e sexualidade. E isso é exatamente o que muitas vezes falta em muitas pesquisas etnográficas ou de histórias de vida.

### **Os problemas com os Queer**

As respostas à teoria queer foram mistas. Não seria muito injusto dizer que fora do mundo dos teóricos queer – o mundo da “academia heterossexual” – tem sido mais ou menos ignorado e teve um impacto mínimo. Isso teve a infeliz consequência de guetizar amplamente toda a abordagem. Ironicamente, aqueles que mais precisam entender o funcionamento da divisão binária heterossexual-homossexual em seu trabalho podem, portanto, ignorá-la (e geralmente o fazem); enquanto aqueles que menos precisam entendê-lo trabalham ativamente para desconstruir termos que realmente se descrevam. Assim, é comparativamente raro na análise literária convencional ou na teoria sociológica que queer seja levado a sério (na verdade, foram necessárias três edições deste livro para incluir algo nele, e o chamado sétimo momento de investigação até agora só pagou elogios a isso!). Mais do que isso, muitos gays, lésbicas e feministas não veem nenhum avanço em uma teoria queer que, afinal, simplesmente os “desconstruía”, juntamente com todos os seus ganhos políticos, para fora da existência. “Teóricos queer” muitas vezes escrevem de forma um tanto arrogante como se tivessem o monopólio da validade política, negando tanto os ganhos políticos quanto teóricos do passado. Deixe-me refletir sobre algumas das objeções padrão à teoria queer.

Em primeiro lugar, para muitos, o termo em si é provocativo: uma palavra pejorativa e estigmatizante do passado é recuperada por aquele agrupamento muito estigmatizado e renegociado seu significado – como tal, tem um tom geracional distinto. Os acadêmicos mais jovens adoram; os mais velhos odeiam. E com isso serve para anular os mundos passados de pesquisa e criar novas divisões.

Em segundo lugar, traz um problema de categoria: o que Josh Gamson (1995) descreveu como um Dilema Queer. Ele afirma que existe simultaneamente a necessidade de uma identidade coletiva pública (em torno da qual o ativismo pode galvanizar) e a necessidade de separar e desfocar as fronteiras. Como ele diz: “as categorias de identidade fixa são a base da opressão e do poder político”. Embora seja importante enfatizar as formas de identidade “não-essenciais, fluidas e múltiplas” emergindo dentro do movimento queer, ele também pode ver que há muitas dentro do movimento lésbico, gay, bissexual e transgênero (LGBT como é atualmente desajeitadamente chamado) que também rejeitam sua tendência de desconstruir a própria ideia de identidade gay e lésbica - abolindo assim um campo de estudo e política quando ele está apenas começando.

Existem também muitas lésbicas radicais que veem isso com ainda mais suspeita, pois tende a trabalhar para tornar as lésbicas invisíveis e reinscrever tacitamente todos os tipos de poder masculino (disfarçado), trazendo de volta argumentos desgastados sobre sm, pornografia e política transgênero como anti-mulheres. Feminista lésbica radical, Sheila Jeffreys é particularmente contundente, vendo todo o movimento queer como uma séria ameaça aos ganhos de lésbicas radicais no final do século XX. Ao perder a categoria de mulher-identificada-mulher e lésbica radical em uma névoa de desconstrução queer (em grande parte masculinista), torna-se impossível ver as raízes da subordinação das mulheres aos homens. Ela também o acusa de um grande elitismo. As línguas da maioria de seus proponentes imitam a linguagem das elites acadêmicas masculinas, e perde todos os ganhos obtidos com os escritos anteriores mais acessíveis de feministas que escreveram e falaram para mulheres nas comunidades e não apenas para outros acadêmicos. Lilian Faderman afirma que é “resolutamente elitista” e coloca isso bem:

A linguagem que os estudiosos queer empregam às vezes parece claramente voltada para o que as feministas lésbicas uma vez chamaram de “garotos grandes” na academia. A escrita feminista lésbica, em contraste, tinha como valores primários clareza e acessibilidade, já que seu propósito era falar diretamente à comunidade e, ao fazê-lo, refletir a mudança”. (Faderman, 1997)<sup>8</sup>.

Existem muitos outros críticos. Tim Edwards (1998) preocupa-se com uma política que muitas vezes desmorona em algum tipo de adoração de fãs, celebração de

---

<sup>8</sup> Veja também as críticas de Simon Watney encontradas em *Imagine Hope* (2000). Watney está longe de simpatizar com o lesbianismo radical, mas seu relato tem ecos distintos. A teoria queer muitas vezes decepcionou o ativismo contra a AIDS.

filmes cult e política cultural fraca. Stephen O Murray odeia a própria palavra – ela perpetua divisões binárias e não pode deixar de ser uma ferramenta de dominação – e está preocupado com sua preocupação excessiva com a linguística e com a representação textual. (Murray, 2002:245-7). E até mesmo alguns de seus fundadores agora se preocupam se todo o impulso radical se perdeu e a teoria queer se tornou normalizada, institucionalizada, até mesmo “lucrativa” dentro da academia (Halperin, 2003).

Então, de muitos lados, dúvidas estão sendo expressas de que nem tudo está bem na casa dos queer. Há problemas que acompanham todo o projeto e, de certa forma, ainda acho a linguagem dos humanistas mais propícia à investigação social.

### **A teoria queer encontra o humanismo crítico: os mundos conflitantes da pesquisa**

O conflito é a mosca do pensamento... um sine qua non de reflexão e engenhosidade. John Dewey *Natureza Humana e Conduta* 300

E assim temos duas tradições aparentemente em sério conflito uma com a outra. Não há nada incomum nisso – todas as posições de pesquisa estão abertas a conflitos internos e externos. Enquanto o humanismo geralmente olha para a experiência, o significado e a subjetividade humana, a teoria queer rejeita isso em favor das representações. Enquanto o humanismo geralmente pede ao pesquisador que se aproxime dos mundos que estuda, a teoria queer quase clama por distância – um mundo de textos, desfamiliarização e desconstrução. Enquanto o humanismo traz um projeto democrático liberal com “justiça para todos”, a teoria queer visa priorizar as opressões da sexualidade e do gênero e urge por uma mudança mais radical. O humanismo costuma ser para uma conversa e um diálogo mais calmos, enquanto queer é carnavalesco, paródico, rebelde e brincalhão. O humanismo defende a voz do intelectual público; a teoria queer pode ser encontrada principalmente nas universidades e em seu próprio movimento social autogerado de aspirantes a acadêmicos.

No entanto, há algumas coisas em comum: ambos, por exemplo, pediriam ao seu pesquisador que adotasse uma postura criticamente autoconsciente. Ambos buscariam um histórico político e ético (mesmo que de uma maneira bastante importante eles possam diferir nisso - a teoria queer tem um foco principal na mudança radical de gênero, o humanismo é mais amplo). E ambos assumem a confusão contraditória da vida social de tal forma que nenhum sistema de categorias pode fazer justiça a ela.

E, olhando mais de perto, algumas das diferenças acima se sobrepõem - há muitos humanismos críticos que podem se concentrar em representações (embora menos teóricos

queer estejam dispostos a se concentrar na experiência). Os humanistas críticos são muitas vezes vistos como construcionistas sociais, e isso dificilmente pode ser visto como tão distante dos desconstrucionistas. Não há razão para que o humanismo crítico não possa assumir o valor e as posições políticas dos teóricos queer (eu tenho e tenho), mas as linhas de base moral do humanismo são mais amplas e menos especificamente ligadas ao gênero. De fato, o método humanístico contemporâneo entra nos mundos sociais de diferentes “outros” para trabalhar uma catarse de compreensão. Justapõe diferenças e complexidades com semelhanças e harmonias. Reconhece os múltiplos mundos possíveis da pesquisa social – não necessariamente as entrevistas padrão ou etnografias, mas os papéis da fotografia, arte, vídeo, filme, poética, drama, narrativa, autoetnografia, música, auto-introspecção, ficção, participação do público, teatro de rua. Ele também encontra várias maneiras de apresentar os “dados”. E reconhece que uma ciência social de quaisquer consequências deve situar-se nos dramas políticos e morais de seu tempo. Um desses dramas políticos e morais é “queer”. E reconhece que uma ciência social de quaisquer consequências deve situar-se nos dramas políticos e morais de seu tempo. Um desses dramas políticos e morais é “queer”. E reconhece que uma ciência social de quaisquer consequências deve situar-se nos dramas políticos e morais de seu tempo. Um desses dramas políticos e morais é “queer”.

Mas, novamente, suas histórias, cânones e gurus são realmente diferentes - embora no final eles não estejam tão em desacordo entre si quanto alguém poderia ser levado a acreditar. Sim, eles não são os mesmos; e é correto que eles mantenham algumas de suas principais diferenças. Mas não, eles também não são muito diferentes. Não é de admirar, então, que eu descubra que posso viver com ambos. A contradição, a ambivalência e a tensão residem em todas as indagações críticas.

### Referências

Atkinson, Paul & William Housely (2003). *Interactionism*. London: Sage

Bauman, Zygmunt (1991) *Modernity and Ambivalence* Cambridge: Polity Press

\_\_\_\_ (2000) *Liquid Society*: Polity Press

\_\_\_\_ (2004) *Wasted Lives: Modernity and its outcasts*. Cambridge: Polity Press

Beck, Ulrich (2000) “Living your own life in a runaway world” In Will Hutton and Anthony Giddens eds. *On The Edge*. London: Cape.

- \_\_\_\_ (2003). *Individualization*. London: Sage
- Bornstein, Kate (1995) *Gender Outlaw*. NY: Vintage
- Butler, Judith (1990) *Gender Trouble*. London: Routledge
- Bruyn T.S. (1966). *The Human Perspective in Sociology*. New Jersey: Prentice Hall.
- Carrington, Christopher (1999). *No Place Like Home: Relationships and Family Life among Lesbians and Gay Men*. Chicago: University of Chicago Press
- Clifford, James & G.E.Marcus (1986) *Writing Culture*. University of California Press.
- Coffey, A. (1999). *The Ethnographic Self: Fieldwork and the Representation of Identity*. London: Sage.
- Cohen, Stanley (1999) *States of Denial*. Cambridge: Polity Press.
- Coles, R.(1989). *The Call of Stories: Teaching and the Moral Imagination*. Boston: Houghton Mifflin
- Connell, Robert W.(1995). *Masculinities*. Cambridge: Polity Press
- Delph, Edward William (1978) *The Silent Community: Public Homosexual Encounters*. Beverley Hills: Sage
- Denzin, N. K. (1989) *Interpretive Biography*. London: Sage.
- \_\_\_\_ (1997) *Interpretive Ethnography: Ethnographic Practices for the 21st Century*. London: Sage.
- \_\_\_\_ (2003) *Performance Ethnography*. London: Sage
- Denzin, Norman & Yvonne Lincoln eds (1994) *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage
- Dewey, John (1938) *Logic of Inquiry*. New York: Henry Holt
- \_\_\_\_ (1920) *Reconstruction of Philosophy*. New York: Henry Holt
- Dickens DR & A.Fontana eds (1994) *Postmodernism and Social Inquiry*. London: UCL Press.
- Doty, Alexander (1993). *Making Things Perfectly Queer: Interpreting Mass Culture*. Minneapolis: University of Minnesota
- Doty, Alexander (2000). *Flaming Classics: Queering the Film Canon*. London: Routledge.

Edwards, Tim (1998) "Queer Fears: Against the Cultural Turn". *Sexualities* Vol. 1 No 4 November p471-484

Ellis, C. and Flaherty, M. G. (eds) (1992) *Investigating Subjectivity: Research on Lived Experience*. London: Sage.

Epstein, Steve (1996) "A Queer Encounter" in *Queer Theory/ Sociology* ed. Steven Seidman. Oxford Blackwell.

Faderman, Lillian (1997) "Afterword" in Dana Heller *Cross Purposes: Lesbians, Feminists and the Limits of Alliance*. Bloomington, Ind: Indiana University Press.

Felice, William F. (1996) *Taking Suffering Seriously*. Albany: State University of New York.

Foucault, Michael (1979) *The History of Sexuality*. Middlesex: London

Gamson, Josh (1995) "Must Identity Movements Self-Destruct?: A Queer Dilemma" *Social Problems* 42/3, and in Seidman (1996) Ch 17.

\_\_\_\_ *Freaks Talk Back: Tabloid Talk Shows and Sexual Non-Conformity* Chicago: University of Chicago Press.

Gever, Martha, John Greyson & Pratibha Parmar, eds (1993). *Queer Looks: Perspectives on Lesbian and Gay Film and Video*. NY Routledge.

Giddens, Anthony (1991). *Modernity and Self-Identity*. Polity Press.

Gouldner, Alvin (1973). *For Sociology*. Middlesex: Allen Lane

Gubrium, Jaber and James Holstein (1997). *The New Language of Qualitative Research*. Oxford; OUP

Halberstam, Judith (1997) "Macdaddy, Superfly, Rapper: Gender, Race and Masculinity in the Drag King Scene" in Phillip Brian Harper, McClintock, A., Munoz, J.E. & T Rosen, eds 1997 "Queer Transexions of Race, Nation and Gender". *Social Text* 52-3. Fall /Winter 1997 p105-131

Halberstam, Judith (1998). *Female Masculinity*. Duke University Press.

Halperin, David (1995). *Saint Foucault* 1995 p62

\_\_\_\_ (2003) "The Normalization of Queer Theory" *Journal of Homosexuality* Vol 45 no 2-4, p339-343.

Hertz, R (ed). (1997). *Reflexivity and Voice*. London: Sage

Honneth, Axel (1995) *The Struggle for Recognition: The Moral Grammar of Social Conflicts*. Cambridge: Polity

- Humphreys, Laud (1970) *Tearoom Trade*. Chicago: Aldine
- Jackson, M (1989) *Paths Toward a Clearing: Radical empiricism and ethnographic inquiry*. Bloomington: Indiana: Indiana University Press.
- Jeffreys, Sheila (2003). *Unpacking Queer Politics*. Oxford: Polity Press
- Johasz, Alexandra (1995). *AIDS TV: Identity, Community and Alternative Video*. Durham and London. Duke University Press.
- Kong, Travis & Mahoney, Dan & Ken Plummer (2002) "Queering the Interview" In Gubrium & Holstein eds *The Handbook of Interview Research*. Sage. p239-57
- Lambevski, Sasho A. (1999) "Suck My Nation- Masculinity, Ethnicity and the Politics of (Homo)Sex". *Sexualities* Vol 2 No 3 November p397-420
- Maines, David (2001) *The Fault Lines of Consciousness: A View of Interactionism in Sociology*. NY: Aldine de Gruyter
- Murray, Stephen O. (2002) "Five Reasons I don't take queer theory seriously" in Plummer, Ken: *Sexualities: Critical assessments* Ch 75. Vol 3 London : Routledge p245-47
- Nardi, Peter (1999). *Gay Men's Friendships: Invincible Communities*. Chicago: University of Chicago Press.
- Miller, D.A.(1998) *Place for Us [Essay on the Broadway Musical]* Mass: Cambridge: Harvard
- Nisbet, Robert (1976). *Sociology as an Art Form*. London: Heinemann
- O'Neill, Onora (2002) *A Question of Trust: The BBC Reith Lectures 2002*. Cambridge. Cambridge University Press.
- Phillip Brian Harper, McClintock, A., Munoz, J.E. & T Rosen, eds 1997 "Queer Transexions of Race, Nation and Gender". *Social Text* 52-3. Fall /Winter 1997
- Plummer, Ken (1995) *Telling Sexual Stories* London: Routledge
- \_\_\_\_\_(1999) "The "ethnographic society" at century's end: clarifying the role of public ethnography", *Journal of Contemporary Ethnography*, 28 (6).
- \_\_\_\_ (2000) *Documents of Life-2 :An Invitation to Critical Humanism*. London Sage
- \_\_\_\_ (2002) *Sexualities: Critical Concepts in Sociology: Four Volumes*. London:Routledge.
- \_\_\_\_ (2003a) *Intimate Citizenship*. Seattle: University of Washington Press
- \_\_\_\_ (2003b) "Queers, Bodies and Postmodern Sexualities" *Qualitative Sociology* November

Reed-Danahay, D.E.eds (1997). *Auto/Ethnography : Rewriting the Self and the Social*. Oxford: Berg

Ronai, C.R. (1992) "A Reflexive Self Through Narrative: A Night in the Life of an Erotic Dancer", in Ellis and Flaherty, *Investigating Subjectivity* (1992) op cit Ch 5

Rorty, Richard (1999) *Philosophy and Social Hope*. Middlesex: Penguin

Roseneil, Sasha (2003) "The Heterosexual/Homosexual Binary" in *Handbook of Lesbian and Gay Studies* ed D.Richardson & S.Seidman p27-43

Rupp , Lelia & Verta Taylor (2003) *Drag Queens at the 801 Cabaret*. Chicago: University of Chicago Press.

Scheper-Hughes Nancy (1994) *Death Without Weeping*. Berkeley. UC Press.

Said, Edward 2nd ed 2003 *Orientalism*

Scheper-Hughes Nancy (1994) *Death Without Weeping*. Berkeley. UC Press.

Sedgwick, Eve Kosofsky (1985). *Between Men: English Literature and Male Homosexual Desire*. NY: Columbia University Press.

Sedgwick, Eve Kosofsky (1990/4). *Epistemology of the Closet*. Berkeley: University of California Press/ Middlesex. Penguin.

Sedgwick, Eve Kosofsky (1994). *Tendencies*. London: Routledge

Seidman, Steven eds (1996) *Queer Theory/ Sociology* Oxford: Blackwell.

Shalin, Dmitri N. (1993) "Modernity, postmodernism and pragmatic inquiry" *Symbolic Interaction* 16 (4) 303-32

Smith, S & Watson (2001) *Reading Autobiography*. Minneapolis: University of Minnesota Press

Smith, Linda Tuhiwai (1999). *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples*. London: Zed Books

Sullivan, Nicky (2003). *A Critical Introduction to Queer Theory*. Edinburgh: University of Edinburgh Press.

Tronto , Joan (1993) *Moral Boundaries: A Political Argument for an Ethic of Care*. London: Routledge

Urry, John(2000) *Sociology Beyond Societies: Mobilities for the Twenty First Century*. London: Routledge

Volcano, Del LaGrace & Halberstam, Judith (1999) *The Drag King Book*. London: Serpent's Tail.

Warner, Michael (1992) "From Queer to Eternity", *Voice Literary Supplement*, 106 June

\_\_\_\_ (1999) *The Trouble with Normal: Sex, Politics and the Ethics of Queer Life*, Harvard University Press.

\_\_\_\_ (2002) *Public and Counterpublics*. New York. Zone Books.

Watney, Simon (2000) *Imagine Hope: AIDS and gay identity*. London: Routledge

West, Cornel (1999). "The Moral Obligation of Living in a Democracy" in Linda Martin Alcoff et al *The Good Citizen* London: Routledge

Weston, Kath (1998) *longslowburn: sexuality and social science*. London: Routledge

Witherell, C. & N.Noddings eds. (1991) *Stories Lives Tell : Narrative and Dialogue in Education*. New York: Teacher's College, Columbia University.

Wolcott, Harry F. (2002) *Sneaky Kid and Its Aftermath*. Oxford: Alta Vira Press: Rowman and Littlefield

Wolf, M (1992) *A Thrice Told Tale: Feminism, Postmodernism and Ethnographic Responsibility*. Stanford: Stanford University Press.